

Chaves para um estado criminoso: Deus, país e capital



Por **Ángeles Diez***

Uma genealogia do poder americano seguindo os ensinamentos de Foucault, encontraria um Estado cuja expansão e dominação imperialistas fazem parte de sua natureza e identidade

" Os fundadores da Nova Inglaterra eram sectários fervorosos e renovadores exaltados. Unidos pelos laços mais estreitos de certas crenças religiosas, eles se sentiram livres de todo preconceito político"

(A. Tocqueville)

Vamos começar com Obama. Porque nem Donald Trump é um ignorante perturbado nem Obama um progressista inteligente. Ao contrário da imagem habilmente construída por sua máquina de relações públicas, Obama (com sua fiel escudeira Hillary Clinton) semeou o planeta com guerras e substituiu a captura de supostos terroristas pelo governo Bush por assassinato - conforme descrito pelo jornalista do Jeremy Scahill inquérito ¹ -.

Não foi Trump quem autorizou o bombardeio do Iêmen (2009), nem foi quem invadiu o espaço aéreo do Paquistão para executar Bin Laden (2011), nem foi ele que assassinou cidadãos norte-americanos no Iêmen (2011). Tampouco foi Trump que declarou a Venezuela uma "ameaça incomum e extraordinária" em duas ocasiões (2015 e 2017), igualmente não foi ele que aumentou as operações secretas em todo o mundo. Nem foi ele, mas Obama que nomeou John Brennan como diretor da CIA - defensor das "técnicas de interrogatório aprimoradas" (tortura) e arquiteto dos ataques de drones - (2013).

Quando analisamos a política internacional imperialista dos Estados Unidos e reduzimos nossa análise a fatores geopolíticos, estratégicos ou econômicos, não podemos explicar ações aparentemente irracionais que vão mesmo contra seus interesses nacionais a médio ou longo prazo. Acabamos atribuindo a seus presidentes um rótulo de crueldade e maldade irracional que nos coloca numa posição ruim quando se trata de desenvolver estratégias de resistência e enfrentamento ao imperialismo. Para além das diferenças óbvias entre Obama e Trump, ou entre Clinton e Bush, ou entre Carter e Reagan, há um fio condutor que une as diferentes administrações, sejam democratas ou republicanas, uma lógica comum que se situa num espaço ideológico ou, antes, teológico-político.

Assim, não falaremos de um presidente ou de um governo específico. Vamos falar de um Estado, vamos falar da gênese de um Estado que, desde o momento em que se constituiu como tal, empreendeu uma cruzada expansionista para o Ocidente com a Bíblia em uma das mãos e o rifle na outra.

Saqueadores de terras e exterminadores de indígenas. Porque a expansão do novo estado não foi simplesmente uma guerra pela sobrevivência contra a Inglaterra, disse Howard Zinn, mas uma guerra pelo desenvolvimento da economia capitalista onde a terra era essencial para especuladores ricos (incluindo George Washington). Uma república forte e

a terra é redonda

grande, argumentaram os *país fundadores*,² necessária para bem proteger os interesses da comunidade contra “facções” internas e inimigos externos. Em suma, uma pátria com um sistema e uma organização política pensada contra a maioria, pelas e para as elites econômicas³. Os princípios do liberalismo - liberdades civis, Estado de Direito e mercado livre - a serviço de *A riqueza das nações* (Adam Smith, 1776) fez parte do DNA do novo estado e permanece até hoje, momento em que a hegemonia americana está em declínio irreversível.

Os Estados Unidos vieram ao mundo como um estado capitalista, sem o fardo feudal da velha Europa, disposto a materializar um projeto bíblico sujeito a não mais princípios morais do que a acumulação de riqueza. Assim, a guerra dos Estados Unidos contra o mundo é uma guerra sem fronteiras e sem limites, e nem o Capital pode tê-los.

Não é que os Estados europeus do século XIX, em plena expansão territorial dividindo a África e o Oriente, fossem menos cruéis, lembre do Congo - que antes de ser belga pertenceu ao sanguinário Leopold II - ou na Índia britânica. Mas acontece que, quando os Estados Unidos assumem a hegemonia mundial após a Segunda Guerra Mundial, a profecia do *Destino Manifesto*, sobre a qual o novo Estado foi construído, já caminhava de mãos dadas com um desenvolvimento técnico sem precedentes. Por consequência, o aviso⁴ de Eisenhower sobre o perigo representado pela influência do complexo industrial-militar cairia em ouvidos surdos, e por isso, as diferentes formas de guerra que semeiam pelo mundo são uma consequência lógica de um sistema e ideologia imparável do campo da razão ou de princípios morais.

Os Estados Unidos empreenderam o domínio mundial inspirados por uma religião civil de base puritana e calvinista⁵, que foi a base de sua visão de um povo escolhido, cuja missão seria *guiar o resto das nações*. Com essa base ideológica, eles se tornaram o estado criminoso mais mortal da história. Por que o mais cruel dos estados? Por se tratar de um Estado moderno, pautado por uma racionalidade técnica capitalista e por uma religiosidade racista fundamentalista, ambos os fatores se retroalimentaram ao longo dos anos e marcaram o curso da política americana externa e interna.

Se fizéssemos uma genealogia do poder americano seguindo os ensinamentos de Foucault, encontrariamos um Estado cuja expansão e dominação imperialistas fazem parte de sua natureza e identidade. Encontraríamos princípios e desenvolvimentos técnicos capazes de aniquilar o planeta, circunstância que não havia ocorrido antes na história. O lançamento das duas bombas nucleares sobre Hiroshima e Nagasaki (6 e 9 de agosto de 1945) quando a guerra já havia sido vencida é o exemplo paradigmático. Portanto, comemorar o dia 9 de agosto como o *Dia Internacional dos Crimes Americanos contra a Humanidade* faz todo o sentido.

Patriotismo, racismo, fundamentalismo religioso e o culto ao dinheiro são as senhas que devemos explorar para desenvolver estratégias anti-imperialistas eficazes porque, do meu ponto de vista, são as chaves que explicam a estrutura do Estado norte-americano e nos permitem antecipar movimentos além das articulações. José Martí, em seu artigo sobre *A Verdade dos Estados Unidos* em 1894, anunciava a necessidade de publicar, não o crime ou má conduta accidental que pode ocorrer em todas as cidades, mas “Essas qualidades de constituição que, por sua constância e autoridade, demonstram as duas verdades úteis para nossa América: o caráter rude, desigual e decadente dos Estados Unidos e a existência, neles, de toda violência, discórdia, imoralidades e desordens de que se culpa os povos hispano-americanos”.⁶

Dentro dessas *qualidades constitucionais* de que falava o herói cubano, encontramos, desde meados do século XIX, na doutrina do Destino Manifesto. Esta será a bandeira que os EUA hastearão para justificar seu direito à expansão territorial como parte de um projeto providencial. Por sua vez, a imposição de uma forma particular de ver a “democracia” (coincidindo com seus interesses econômicos) se tornaria sua prática usual para estabelecer relações com outros Estados.

Marcos Reguera, em sua tese de doutorado sobre o *Império da democracia na América*, dirá que o termo *Destino Manifesto* se tornou uma peça-chave da identidade americana durante o século XIX e ajuda a entender “como era o sistema democrático americano, adotando um caráter imperialista que será central tanto para seu processo de construção nacional quanto para sua própria autopercepção”⁷. A concepção da pátria como um destino divino vinculado ao desenvolvimento material capitalista é uma identidade acompanhada de outra que será difícil de limitar até mesmo a partir de princípios morais universais, nem do direito internacional nem mesmo de uma racionalidade econômica liberal.

Porque a pátria do monstro do norte, em cujas entradas Martí vivia, não equivale ao nacionalismo no sentido europeu ou latino-americano. Em vez disso, faz parte de um imaginário mítico que combina isolacionismo (não há nada além dos

a terra é redonda

Estados Unidos que vale a pena) e providência (um povo escolhido e guiado por Deus). Desse modo, vemos que, para a maioria dos norte-americanos, Deus governa por meio de seus presidentes e todos eles juram sobre a Bíblia; o seu próprio, o dos que os precederam ou o que incorpora um determinado capital simbólico. O ex-presidente Obama é membro da United Church of Christ ⁸ e fez seu juramento de posse usando duas Bíblias, a tradicional Abraham Lincoln e a Martin Luther King ⁹. Trump também usou duas, a de Lincoln e a que sua mãe lhe deu; o simbólico universal e o particular individual são ligados pela união da soma das individualidades em um universo simbólico comum: a nação predestinada.

Praticamente todos os discursos de presidentes americanos terminam com a frase, que é o fim de um ritual repetido: “Deus abençoe a América”, e em todos os dólares encontramos outra frase: “Em Deus nós confiamos”. Jim Dotson diz que a frase “In God We Trust” reflete o que significa ser americano. Deus é o equivalente simbólico do dinheiro e faz parte da tradição protestante branca fundadora das 13 colônias das quais o novo país ¹⁰ emergiria . Quando vemos nos filmes americanos aquelas cenas em que em cada hotel de estrada há uma bíblia na mesinha de cabeceira, ou em que assassinos em série seguem padrões do texto sagrado, sem dúvida estamos presenciando algo que vai além de um recurso dramático ¹¹ .

Segundo dados recentes, 73% dos americanos se declaram cristãos e apenas 20% não se identificam com nenhuma religião (2019). O fenômeno, tão norte-americano, dos telepregadores também não é acidental. As igrejas evangélicas se converteram em um dos instrumentos de interferência, incluindo golpes de estado e financiamento do terrorismo (estilo muito *jihadista*) em toda a América Latina. O recente golpe na Bolívia mostra a clara influência dessas igrejas e a implantação de telepregadores em toda a região, com laços estreitos com suas sedes nos Estados Unidos.

A Guerra Mundial dos Estados Unidos é frequentemente apresentada como uma cruzada evangélica: “traga a democracia”, “defenda o mundo livre”, “acabe com o mal” etc. Tradicionalmente, as mídia hegemônica têm servido a esse propósito religioso, produzindo imagens que foram adaptadas para discursos proféticos, por exemplo, retratando invasões, assassinatos, extorsões, saques, etc. como cruzadas salvadoras contra inimigos terríveis e demoníacos, geralmente personificados nos governantes dos países a atacar (Milosevich, Saddam, Gaddafi, Chávez, Maduro...).

Não é de surpreender que o *caldeirão* de culturas que há séculos chegam aos Estados Unidos não tenha conseguido dotar aquele Estado de uma marca de identidade diferente daquela ideia de uma Pátria onipresente e onipotente com um destino providencial. Pelo contrário, para muitos dos grupos de migrantes, a imagem de uma terra prometida, de um continente vazio ou de uma terra deserta à espera de ser cultivada, que os pais fundadores trouxeram para o continente, foi a sua carta de integração ¹² . Talvez isso mude em pouco tempo como resultado da crise global da COVID-19, ou talvez o conservadorismo político consiga atribuir à providência divina, tantas vezes, o castigo por não serem fiéis seguidores de seu destino.

A expansão territorial dos Estados Unidos não se baseará apenas na “excepcionalidade de suas instituições políticas” - afirma Marcos - mas no particularismo racial da população. O conceito político de Destino Manifesto com sua marca malthusiana que justificou a expansão racial anglo-saxônica deixará de ser utilizado após a Segunda Guerra Mundial e dará lugar a outros conceitos como a excepcionalidade americana (American Exceptionalism), *o mundo livre* (Free World) ou *do Século Americano* (American Century) que conformará uma filosofia racista que “do darwinismo social preconizava o predomínio dos Estados Unidos sobre outras nações como parte da lei de sobrevivência da nação mais apta”¹³

Dentro da tradição puritana e calvinista, o sociólogo Max Weber encontrou uma estreita conexão entre essa ética protestante e o enriquecimento pessoal ¹⁴ . A riqueza tornou-se um passaporte para o reino dos céus. O caminho para enriquecer sob o capitalismo passa inevitavelmente pelo imperialismo e, portanto, pela guerra. O general do Corpo de Fuzileiros Navais Smedley Butler (1881-1940), sendo um dos soldados mais condecorados da história dos Estados Unidos, depois de se aposentar em 1934 escreveu *War is a Racket* [A guerra é uma farsa, em tradução livre], em que descreve como seu país entrou em guerra com o único e verdadeiro objetivo de aumentar seus lucros. Ele escreveu: “Recebi honras, medalhas e promoções. Mas, quando olho para trás, acho que poderia ter dado algumas sugestões para Al Capone. Ele, como gangster, podia atuar em três bairros de uma cidade. Nós, como fuzileiros navais, atuamos em três continentes. O problema é que quando o dólar americano ganha apenas 6%, eles ficam impacientes por aqui e vão para o exterior para ganhar 100%. A bandeira segue o dólar e os soldados seguem a bandeira”. ¹⁵

a terra é redonda

Um elemento não menos importante que permeia o Estado junto com o conservadorismo político de corte religioso é o anti-intelectualismo. É uma tendência ideológica que, a meu ver, tem permitido a continuidade e reprodução dessa teologia política, dotando-a de um apoio popular que tem legitimado e continua a legitimar as ações criminosas do Estado norte-americano. Presidentes como Trump, Bush ou Reagan, que desprezam os “especialistas” e se gabam de sua ignorância, aderem a uma tradição antielitista e autoritária profundamente enraizada no povo americano. Em um artigo para a revista *Newsweek*, Isaac Asimov descreveu o que chamou de “culto à ignorância na América” da seguinte forma: “Nos Estados Unidos existe um culto à ignorância e sempre existiu. O anti-intelectualismo tem sido aquela constante que tem permeado nossa vida política e cultural, resguardada pela falsa premissa de que democracia significa que ‘minha ignorância vale tanto quanto o teu saber’”¹⁶.

A simbiose do desprezo pela cultura, do culto ao dinheiro e da exaltação das emoções encontrará a sua expressão máxima no desenvolvimento do consumo a partir dos anos 1950. Ao contrário do que acontece noutras países e também muito longe do ascetismo fundacional, após a Segunda Guerra Mundial, os EUA se tornarão, com o desenvolvimento da produção em massa, o lugar do desmesura, do excesso, da gula e, porque não, do matar.

Essas chaves ideológicas ajudam a explicar, mas não a justificar de forma alguma, a expansão imperialista norte-americana, inclusive aquelas qualidades constitutivas de que falava Martí, mas não são suficientes para entender a magnitude das atrocidades cometidas nas últimas décadas. Os crimes contra a humanidade estão em uma escala mais elevada e só podem ser sustentados com o tempo graças à impunidade.

Nos últimos anos, com o retrocesso do poder hegemônico dos Estados Unidos, as diferentes administrações protegeram seus presidentes, seus secretários de Estado, seus soldados... Certamente poder e impunidade tendem a andar de mãos dadas (muitos em nosso país sabem dessa aliança em relação aos crimes do regime de Franco). A impunidade ocorre quando as instituições são controladas, quando o direito internacional é manejado com discrição e quando o silêncio torna sociedades inteiras cúmplices. No caso dos Estados Unidos, não é apenas uma forma de ação internacional. Uma mentalidade guiada pela providência e embriagada com excessos, só parece se conter contra um poder equivalente, em geral, outros Estados com bombas atômicas ou com tal determinação que desequilibra os resultados financeiros.

Durante anos, manter a hegemonia dos EUA significou controlar as organizações internacionais, seja por meio da chantagem de seu financiamento ou da colocação de pessoas com ideias semelhantes em sua direção. Mas nos últimos anos, conforme a guerra se espalhou pelo globo, isso foi insuficiente. Portanto, o próximo passo foi deturpar as resoluções, ignorar as próprias instituições, rejeitar a assinatura de tratados etc. Nessa direção está o secretário de Estado dos Estados Unidos, Michael Pompeo, em março do ano passado proibiu vistos a funcionários do Tribunal Penal Internacional (TPI) que participassem de investigações de cidadãos norte-americanos em qualquer um dos territórios em que a jurisdição da TPI se estende.¹⁷ Mas nada disso é novo, lembremos que os Estados Unidos foram o único país condenado pela Corte Internacional de Justiça de Haia por cometer terrorismo internacional – tecnicamente, pelo uso ilegal da força – contra a Nicarágua, e que quando foram condenados a pagar reparações não só rejeitaram a decisão da Corte como também rechaçaram sua jurisdição.

Porém, a impunidade de um Estado criminoso também ocorre dentro dos EUA, pois, como dissemos no início, não se trata de um ou outro governo. Nesse país, a polícia não goza de legitimidade, mas sim do poder de saber que está impune. Policiais brancos que assassinam afro-americanos, empresas que poluem a água, o ar... O movimento Blacks Lives Matter surgiu a partir da absolvição do policial que assassinou o adolescente afro-americano Trayvon Martin (2013).

Assim, comemorar o dia 9 de agosto como o dia internacional dos crimes norte-americanos contra a humanidade, implica não só mostrar a natureza de um Estado criminoso – suas qualidades constitutivas – mas também comprometer-se a quebrar a impunidade que tende a perpetuar seu domínio. Porque, no fundo, você não pode convencer um fundamentalista religioso de que ele está errado. Só faz sentido fazer justiça: evitar que o crime fique impune.

*Ángeles Diez é professora da Universidad Complutense de Madrid, Dra. Em Ciências Políticas e Sociologia, membro da Rede de Intelectuais, Artistas e Movimentos Sociais em Defesa da Humanidade e da Frente Anti-imperialista Internacionalista.

Tradução: Ricardo Kobayashi

a terra é redonda

Publicado originalmente em [Rebelión](#)

Notas

[1](#) Entrevista com o jornalista Jeremy Scahill, por ocasião da apresentação de seu livro *Guerras sucias, el mundo es un campo de batalla*, em El Confidencial, “Bush caçou ... assassino de Obama” https://www.elconfidencial.com/mundo/2013-10-16/bush-hunted-obama-assassin_42073/

[2](#) Os fundadores dos Estados Unidos são George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos de 1789 a 1797, Thomas Jefferson, terceiro presidente entre 1801 e 1809, e Benjamin Franklin, político, cientista, inventor e ferrenho defensor da união colonial (1706-1790).

[3](#) Ángeles Diez, Medios de comunicación y democracia. Cómo se excluyó al pueblo del gobierno y cómo se le convenció de lo contrario. 31/05/2010 em <https://rebelion.org/como-se-excluyo-al-pueblo-del-gobierno-y-como-se-le-convencio-de-lo-contrario/>

[4](#) Em discurso televisionado em 17 de janeiro de 1961, no final de seu mandato como presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower alertou para os perigos da grande influência do “Complexo Industrial Militar, na política americana. <http://carpetashistoria.fahce.unlp.edu.ar/carpeta-3/fuentes/la-guerra-fria/el-complejo-industrial-militar-segun-eisenhower>

[5](#) No final do século XVIII, quando estourou a Revolução Americana, metade dos habitantes eram puritanos e dois terços eram calvinistas (Andrés González Martín, The American Religion of Winning and the North American Civil Religion)

[6](#) José Martí, La verdad sobre Estados Unidos, em Pátria 23/03/1894

[7](#) Marcos Reguera, Tese de doutorado: “El imperio de la democracia en América. John L. O’Sullivan y la formación del concepto de Destino Manifiesto” pág. 22 p. 22. Uma tese fundamental para ajudar a aprofundar o imperialismo dos EUA.

[8](#) Protestante Digital, “Obama aclara su fe cristiana evangélica como miembro de la iglesia Unida de Cristo”, https://protestantedigital.com/print/21015/Obama_aclara_su_fe_cristiana_evangelica_como_miembro_de_la_Iglesia_Unida_de_Cristo

[9](#) Lembre-se de que Martin Luther King era pastor da igreja Batista

[10](#) Kennedy foi o único presidente não protestante dos Estados Unidos, era católico e teve dificuldades em sua campanha eleitoral por ser acusado de ser subordinado a agentes estrangeiros.

[11](#) O filme *Seven* dirigido por David Fincher em 1995 que narra a perseguição a um serial killer que age de acordo com os sete pecados capitais é um dos melhores exemplos.

[12](#) Essa ideologia profética é um elo que une os EUA ao projeto sionista do Estado Judeu na Palestina (junto com a emigração judaica para os EUA após a Segunda Guerra Mundial e seus interesses geoestratégicos na área). Uma entidade sionista que não poderia subsistir numa área sem o subsídio incondicional do poder norte-americano e sem a implantação de um sistema de *apartheid* ainda mais terrível que o sul-africano.

[13](#) Marcos Reguera, op. Cit. Página 33

[14](#) Max Weber, The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism.

[15](#) Smedley Butler, War is a Racket. Em <https://www.docdroid.net/SizLkOR/butler-smedley-d-la-guerra-es-una-estafa-pdf#page=5>

[16](#) I. Asimov, El antiintelectualismo en Estados Unidos, *Newsweek*, 21 de janeiro de 1980, em <https://alexiscondori.com/translation/0014-asimov-antiintelectualismo-culto-ignorancia>,

[17](#) https://elpais.com/elpais/2019/04/08/opinion/1554738101_453213.html

a terra é redonda

A Terra é Redonda